



DA LIBERDADE POLÍTICA À POLÍTICA COMO UM MEIO PARA A LIBERDADE – REFLEXÕES A PARTIR DE HANNAH ARENDT¹

Rodrigo Moreira de Almeida²

Hannah Arendt na sua obra “O que é política”, indaga pelo sentido da política, chamando a atenção para a dificuldade de respondermos tal pergunta tendo em vista, por um lado, a apatia e a indiferença política das sociedades modernas, e por outro, a aparente falta de sentido da política que se agravava diante das desgraças desencadeadas pelo fenômeno totalitário e as ameaças nucleares e de extinção da vida. Experiências políticas fundamentais de nossa época que nos leva a pergunta se a política tem ainda algum sentido ou se não seria prudente eliminar a política antes que ela nos elimine. Contudo, Arendt não exita em responder, enfaticamente, que a liberdade é o sentido da política, mesmo que hoje seja difícil a nós concebermos como compatíveis essas noções. Entretanto, segundo ela, a simplicidade e conclusividade dessa resposta residem no fato de ser ela tão antiga quanto a existência da coisa política. Recorrendo às experiências originárias da Pólis Grega e da República Romana, afirma que para eles liberdade e política coincidiam, isto é, ser livre e agir politicamente eram uma e mesma coisa. O sentido da política consistia em os homens poderem se relacionar livremente entre iguais e deliberar acerca de interesses comuns que estavam além das necessidades impostas pela natureza. O presente texto, então, procura evidenciar, a partir de reflexões da autora, como as noções de ação política e liberdade foram sendo, ao longo do tempo, desvinculadas nas mais diversas compreensões, que em sua totalidade passaram a ser justificações da política. A política deixa de ser um fim em si mesmo e constituir o modo mais digno de vida, como o era na Antiguidade, e a relação entre política e liberdade passa a ser entendida, de modo a ser a política um meio e a liberdade seu objetivo mais elevado – quer se trate, no sentido da Antiguidade, de possibilitar aos poucos a ocupação com a filosofia, quer se trate, no sentido moderno, de assegurar a muitos a vida e o livre desenvolvimento social. Para Arendt se quisermos nos curar de tais preconceitos e recuperar a dignidade da política, é preciso compreender os elementos que estão por trás dessas e retornar às experiências da *Pólis* onde encontramos a essência da coisa política e analisarmos como esta foi perdendo sua dignidade. Segundo Arendt, tais concepções têm em comum o fato de julgar ser natural que a política existe e sempre existiu em todo lugar, como se fosse uma necessidade imperiosa, que o homem, por não ser autárquico, depende de outros em sua existência, precisando haver um provimento da vida relativo a todos. Para esse caráter natural, recorrem à definição aristotélica do homem como ser político. Um equívoco de interpretação, segundo Arendt, sendo que o homem é a-político, e a política surge no espaço entre os homens, como um artifício humano para tratar dos assuntos comuns, como bem sabia Aristóteles. Em segundo lugar, já encontramos a desconfiança da dignidade das coisas relativas aos negócios humanos em Platão, que foi o primeiro a tentar fundamentar e justificar a política por algo exterior a ela, fundando com sua academia um contra-espço de liberdade que pretendia substituir e superar a liberdade política. O que mudou, desde então, não foi a dignidade da política, mas sim as justificações e objetivos que menos ou mais mesquinhos continuaram a conceber a política como um mero meio à algo exterior a ela.



ENERGIA E ALIMENTOS

XVI Seminário de Iniciação Científica

XIII Jornada de Pesquisa

IX Jornada de Extensão

UNIJUÍ . 23 a 26 de setembro de 2008



¹ O Texto é parte integrante do projeto "Possibilidades da política após o totalitarismo", financiado pela FAPERGS orientado pelo Doutor e professor do DFP/UNIJUÍ Claudio Boeira Garcia.

² Bolsista BIC/FAPERGS e aluno do Curso de Graduação em Filosofia da UNIJUÍ.